

CICLO 3: PROMOÇÃO E VIGILÂNCIA DA SAÚDE DA MULHER







CICLO 3: PROMOÇÃO E VIGILÂNCIA DA SAÚDE DA MULHER

**Curso Livre de Aperfeiçoamento em Promoção e Vigilância
em Saúde, Ambiente e Trabalho: com ênfase na saúde
integral das mulheres**



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz**

Brasília

Brasília, 2021

ESCUTE O CADERNO

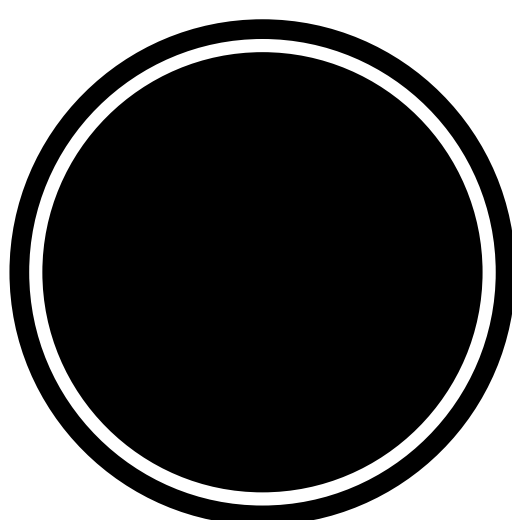
Os cadernos do Curso de Formação-Ação em Saúde Integral para as Mulheres estão disponíveis para você escutar: são os audiolivros!

Os audiolivros são gravações narradas do conteúdo de um livro, seja texto e imagens. Se preferir escutar, ao invés de ler, você ainda fica por dentro!

Para acessar, vá até:

**[mulheres.psatsaude.com.br/
audiolivrociclo3/](http://mulheres.psatsaude.com.br/audiolivrociclo3/)**

Ou clique:



PROJETO DE FORMAÇÃO-AÇÃO EM PROMOÇÃO E VIGILÂNCIA EM SAÚDE, AMBIENTE E TRABALHO COM ÊNFASE NA SAÚDE INTEGRAL DAS MULHERES

Fundação Oswaldo Cruz

Nísia Verônica Trindade Lima - Presidente

Gerencia Regional de Brasília (Gereb)

Maria Fabiana Damásio Passos - Diretora da GEREB

Denise Oliveira e Silva - Vice-Diretora da GEREB

Luciana Sepúlveda Köptcke - Diretora Executiva da Escola de Governo Fiocruz Brasília (EGF)

Jorge Mesquita Huet Machado - Coordenador do Programa da Saúde, Ambiente e Trabalho (PSAT)

Coordenação do Projeto:

André Luiz Dutra Fenner - Coordenador do Projeto e Pesquisador do PSAT

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silva, Fátima Cristina Cunha Maia

Promoção e vigilância em saúde, ambiente e trabalho com ênfase na saúde integral das mulheres na constituição de Territórios Saudáveis e Sustentáveis (TSS) : ciclo 3 : promoção e vigilância da saúde da mulher / Fátima Cristina Cunha Maia Silva, Juliana Wotzasek Rulli Villardi, Bianca Coelho Moura ; organização Juliana Bonassa Faria...[et al.] ; coordenação André Luiz Dutra Fenner ; ilustração Gabriel Cunha Maia Silva. -- Brasília : Escola de Governo Fiocruz Brasília, 2021.

Outros organizadores: Gislei Siqueira Knierim, Camila Lima Gomes, André Luiz Dutra Fenner, Ana Paula Dias de Sá, Virgínia da Silva Corrêa

Bibliografia.

ISBN 978-65-88309-08-7

1. Educação em saúde 2. Promoção da saúde 3. Saúde da mulher 4. Saúde pública - Brasil I. Villardi, Juliana Wotzasek Rulli. II. Moura, Bianca Coelho. III. Faria, Juliana Bonassa. IV. Knierim, Gislei Siqueira. V. Gomes, Camila Lima. VI. Fenner, André Luiz Dutra. VII. Sá, Ana Paula Dias de. VIII. Corrêa, Virgínia da Silva. IX. Silva, Gabriel Cunha Maia. X. Título.

21-81683

CDD-610.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação em saúde 610.7

Coordenação do Projeto

André Luiz Dutra Fenner
(Coordenador Geral)
Virgínia da Silva Corrêa
(Coordenadora Executiva)

Coordenação Pedagógica

Ana Paula Andrade Silva Milhomem
Ana Paula Dias de Sá
André Luiz Dutra Fenner
Bianca Coelho Moura
Camila Lima Gomes
Fátima Cristina Cunha Maia Silva
Virgínia da Silva Corrêa
Yasmin Silva da Cruz

Coordenadoras Locais

Elisvania Lopes Garcia Nascimento.
Nome Social: Elis (Alagoas)
Ana Paula Dias de Sá (Ceará)
Waleska Coelho Sajnovisch de
Gouveia (Distrito Federal)
Rosely Fabrícia de Melo Arantes
(Pernambuco)
Gislei Siqueira Knierim (Rio de
Janeiro)
Judite da Rocha (Tocantins)

Analistas de Gestão do Projeto

Ana Paula Andrade Silva Milhomem
Camila Lima Gomes

Texto e Organização

Ana Paula Andrade Silva Milhomem
Ana Paula Dias de Sá
André Luiz Dutra Fenner
Bianca Coelho Moura
Camila Lima Gomes
Fátima Cristina Cunha Maia Silva
Gema Galgani Silveira Leite
Esmeraldo
Gislei Siqueira Knierim
Ivandro Claudino de Sá
Juliana Bonassa Faria
Juliana Wotzasek Rulli Villardi
Lucicleide Maria da Silva
Kátia Maria Barreto Souto
Marialda Moura da Silva
Manuela Ferreira de Saboia Lima
Olga Maria de Alencar
Rosely Fabrícia de Melo Arantes
Suyane Fernandes
Virgínia da Silva Côrrea

Colaboradores

Éder dos Santos Braz
Francilene Menezes dos Santos
Juciany Medeiros Araújo
Thaiara Dornelles Lago
Thais Reis Baleeiro

Arte e Projeto Gráfico

Gabriel Cunha Maia Silva

Site

Ana Paula Dias de Sá
Henrique Guedes Formiga
Ivandro Claudino de Sá
Gabriel Cunha Maia Silva

Sistematização

Juliana Bonassa Faria

Revisores

Danielle Fermiano dos Santos
Gruneich
Fabiana Mascarenhas Santana
Manuela Ferreira de Saboia Lima
Maria Emília da Silva
Maria Fernanda Marques Fernandes
Ramiro Galas Pedrosa
Rosely Fabrícia de Melo Arantes

Parceria

Comissão dos Direitos da Mulher da
Câmara dos Deputados
Secretaria da Mulher da Câmara dos
Deputados



Olá, educanda.

Nos aproximamos da etapa final do Curso de Formação de Saúde para as Mulheres. Esse é nosso último ciclo virtual de estudos e debates. O tempo passou rápido e pudemos apreender e trocar muitos conhecimentos.

A ideia de que juntas somos mais fortes não são somente palavras soltas. Realmente, ao juntar nossos saberes e fazeres, abrimos a possibilidade de nos cuidarmos, de criar e de compartilhar o que temos e o que somos. E isso é bom demais!


Vamos conhecer os conteúdos deste ciclo?

Neste caderno de estudos do ciclo 3, trabalharemos o tema promoção e vigilância da saúde da mulher. Um assunto que tem tudo a ver com nossa atuação concreta em nossos territórios e comunidades.

A proposta é que possamos conhecer experiências, metodologias, projetos, leis, direitos e possibilidades no campo da promoção e vigilância.

Vamos nos aproximar também do tema agroecologia e conheceremos a história de Ana Primavesi, pioneira da agroecologia no Brasil.



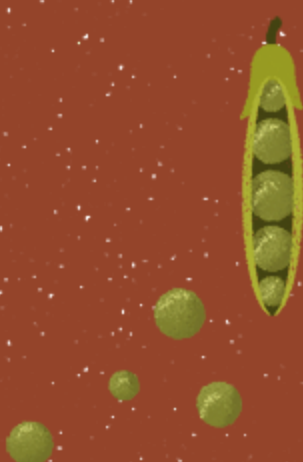


Assim como nos cadernos anteriores, este material contribui com os momentos de estudo virtuais e presenciais como subsídio, trazendo experiências, dinâmicas, propostas de oficinas, entre outras possibilidades pedagógicas. Vale lembrar que temos a liberdade de criar a partir de nossas realidades. Que tenhamos ótimos momentos de estudo, debate e criação.

Atenciosamente,

**Coordenação Político-Pedagógica do Curso de
Formação de Saúde para as Mulheres**

SUMÁRIO

- 
1. INICIANDO AS ATIVIDADES 09
 2. DIÁLOGO SOBRE MULHERES, AGROECOLOGIA E SAÚDE 10
 3. ANA PRIMAVESI 21
 4. APROXIMAÇÃO SOBRE A VIGILÂNCIA EM SAÚDE E A SAÚDE DA MULHER
 5. VAMOS CONVERSAR SOBRE 32
 6. FAZENDO JUNTAS. VAMOS CONSTRUIR UMA COMPOSTEIRA DOMÉSTICA? 33
 7. CONTANDO O PROCESSO COM NOSSAS PALAVRAS, NOSSOS DESENHOS, NOSSAS CANÇÕES, NOSSOS POEMAS 34
 8. REFERÊNCIAS 39
 9. GLOSSÁRIO 41



1. Iniciando as atividades

Sejam todas bem-vindas! Vamos organizar o espaço de nosso encontro, com todos os cuidados necessários, e dedicar um tempo para embelezá-lo, utilizando flores, tecidos ou outros elementos que tivermos em nossos territórios e nossas comunidades.

Neste momento em que estamos juntas, convidamos vocês para escutar o conto de Ana Primavesi, chamado "Tatá, Pepe e Gigi: as três gotinhas de chuva". Assim, iniciaremos as atividades com arte, reflexão e beleza.



2. Diálogo sobre mulheres, agroecologia e saúde

Uma reflexão engajada com múltiplos e densos sentidos, expressa um convite para pensar, agir e mudar (pré)conceitos e reorientar a práxis (PACHECO, 2015, p. 17).

A agroecologia, ou agricultura sustentável, é um movimento recente no Brasil, conforme aponta Altieri (2004), isso evidencia o desafio territorial, visto a potencialidade da agricultura em agregar outras atividades rurais. É importante destacar o papel da mulher na contribuição desse movimento.

A relação das mulheres com a natureza e com a saúde se torna essencial, quando observamos a necessidade de pensar um outro modelo alimentar, em especial, a prevenção das pandemias, a exemplo, da COVID-19, bem como a proteção das nossas florestas, do ambiente e do território.

Para os autores Caporal e Costabeber (2004), são seis as dimensões da agroecologia, a saber: ecológica, social, econômica, política, cultural e ética.

A dimensão ecológica é a que mais se evidencia nas experiências com a agroecologia, pois está relacionada com as mudanças nas práticas agrícolas, em prol da ecologização das atividades de plantio, manejo, colheita, etc.





Entretanto, as dimensões social e econômica estão fortemente presentes, pois se relacionam às pessoas que manejam esses agroecossistemas e seus meios de sobrevivência. Assim como as dimensões políticas, aspectos fundamentais na organização das pessoas em sociedade.

A agroecologia adquire aqui um amplo significado, indo desde a ação local, como no caso da organização das cooperativas e associações de comunidades e bairros, até o nacional ou global, como é os movimentos sociais de luta pela terra e reforma agrária.

Os saberes femininos em relação à natureza são milenares, mas historicamente negados. A mulher sempre ficou à margem do extenso conjunto de contextos em que a figura masculina aparece. Ainda hoje, as mulheres são invisibilizadas no processo de construção da agroecologia, bem como nas atividades da agricultura familiar, no extrativismo, na pesca artesanal, em que a sua participação não é valorizada, assim como nas agendas políticas.

Ao apresentar a atuação/relação da mulher e a agroecologia/saúde, observa-se um processo de empoderamento das mulheres na produção de alimentos mais saudáveis e sustentáveis, principalmente, no seu papel e posição nos núcleos familiares.





Em geral, é no núcleo familiar que as mulheres encontram as principais barreiras, que dificultam e interferem na consolidação da sua autonomia.

Neste sentido, a relação entre agroecologia, feminismo e saúde é essencial para a compreensão e consequente mudança de vida.

As relações desiguais de gênero, bem como as contradições do atual modelo de desenvolvimento na agricultura e suas consequências para a saúde e o ambiente (SILIPRANDI, 2015), reafirmam as formas patriarcais de organização das sociedades ocidentais.

O espaço reservado às mulheres é basicamente o privado, ou seja, atividades de reprodução social, forma como se organizam e relações familiares.

Há um caminho a ser trilhado para o reconhecimento das contribuições das mulheres na construção da agroecologia, principalmente, a relevância do papel da mulher para fortalecimento e produção de alimentos saudáveis. Elas contribuem cuidando do ambiente, preservando a biodiversidade e construindo novas relações sociais.






Assim, temos um feminismo com o olhar na saúde preventiva, capaz de dialogar com os saberes interculturais e debater sobre a contribuição da agroecologia para os sistemas alimentares, como exemplo, o manejo do agrossistema e seu conseqüentemente impacto socioeconômico, conforme afirma Pacheco,

(...) na perspectiva feminista mostra que quem controla os bens e recursos é que determina se o produto do trabalho beneficiará a todos que contribuíram. Em geral, a distribuição é mais igualitária nos sistemas agrícolas nos quais a mulher participa do trabalho no campo, das decisões e da forma de dispor do produto (PACHECO, 2015, p. 18).

A autora destaca ainda que as “relações no âmbito familiar e a forma como a família é constituída e reproduzida são tão importantes quanto as relações de classe”, na tentativa de explicar as diferenças sociais do campesinato e a sua reprodução social (PACHECO, 2015, p. 18). Sendo assim, as mulheres têm se mobilizado e participado de diversos movimentos e encontros, discutindo questões voltadas ao empoderamento e visibilidade para as políticas públicas.

Promoção e ampliação da participação das mulheres em todas as políticas, programas e projetos. Principalmente aqueles com foco na gestão ambiental; enfrentamento ao analfabetismo; garantia para o cuidado dos filhos, como creches; e acesso a políticas públicas de crédito, água, terra, equidade de renda são alguns exemplos.



Assim como o acesso a políticas de planejamento familiar não opressivas; eliminação de todas as formas de discriminação, reconhecimento do trabalho não remunerado das mulheres em políticas públicas de seguridade social, reforçando a sua contribuição à economia (RAMÍREZ, 2013).

Além do reconhecimento do trabalho da mulher na construção da agroecologia e das diversas instâncias de organização, debates e aprofundamentos das lutas/agendas reivindicatórias, estão em destaque medidas de prevenção e erradicação da violência contra as mulheres do campo, da floresta e das águas (agricultoras, extrativistas, quilombolas, pescadoras artesanais, ribeirinhas, caiçaras, atingidas por barragens), pauta de reivindicações da Marcha das Margaridas¹.



¹Organizadas pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), são trabalhadoras rurais, extrativistas, indígenas, quilombolas que tomam as ruas da capital federal para dialogar com o governo federal sobre suas reivindicações. É a maior mobilização de mulheres da América Latina.



Criando e compartilhando saberes

A percepção sobre os princípios agroecológicos reafirmam a necessidade de proteger o ambiente, preservando as matas nativas, as nascentes e reforçando a importância dos ecossistemas de cada território. O conjunto de diversidade de saberes tradicionais tem fortalecido as mulheres na prática de uma agricultura mais sustentável, possibilitando mais mobilização, organização, multiplicação de seus saberes e consolidação de seus coletivos nos territórios.

A vivência dos conhecimentos locais, em especial as práticas no preparo dos alimentos, valorização dos produtos que são cultivados na região, como arroz, feijão, milho, café, mandioca, frutas, verduras, mel, aves, porcos, peixes, mariscos, gera uma vida digna no campo, na floresta e nas águas. Esses valores estão relacionados a um modo de vida, produção e reprodução social.

Olhar e perceber o que está ao redor, ou seja, alimentos na sua maioria livre de agrotóxicos, e poder transformá-los em outros produtos, o que chamamos de beneficiamento, possibilita as trocas e novos aprendizados, compartilhando outras formas e jeitos de fazer.

As maneiras de socializar os conhecimentos e práticas das mulheres são variadas: rodas de conversas, espaços para trocas de sementes, cursos livres, mutirões de plantio, construções de viveiros, entre outras possibilidades.

Dessa maneira, as mulheres, ao organizarem os processos agroecológicos, vão vivenciando e construindo redes que surgem e se fortalecem na luta, ao mesmo tempo em que elas também vão consolidando os caminhos para a conquista de sua autonomia.

Há ainda a prática sobre o excedente, muitas vezes trocado, mas que também pode ser vendido com o objetivo de suprir outras necessidades para a manutenção da casa. Isso proporciona uma valorização do trabalho das mulheres, na maioria dos casos artesanal, pois, ao organizar o excedente de maneira planejada, uma renda extra e mais autonomia são garantidas.

Nessa vivência, também ocorre o intercâmbio de saberes relacionados ao cuidado com a saúde por meio da utilização das plantas medicinais. Essa também é uma maneira de potencializar essas práticas, como o incentivo de momentos formativos e informativos, a fim de esclarecer sobre os benefícios e os riscos do uso e manipulação das plantas medicinais.





Práticas agroecológicas e a relação com a saúde

A relação entre práticas agroecológicas e saúde remete a questões como alimentação saudável, uso de plantas medicinais e práticas no cuidado em saúde. Essas atividades eram realizadas por mulheres e, com o passar do tempo, foram substituídas pela “medicalização”, ou seja, o uso de medicamentos industrializados.

A agroecologia defende a soberania alimentar e segurança nutricional, que compreende a capacidade de produzir e consumir alimentos variados e livres de agrotóxicos.

A capacidade de produzirem os alimentos para o próprio consumo também se contrapõe à necessidade de compra da alimentação industrializada, que passa a ser considerada por elas como monótona, pobre, pouco saudável. As qualidades da alimentação proveniente da própria produção (fartura, alimentos limpos e naturais, pouco processados, sem resíduos químicos) são argumentos para a defesa de um modelo ideal de desenvolvimento agrícola baseado no campesinato (SILIPRANDI, 2009, p. 256).

Esse tema se torna fundamental na nossa discussão, uma vez que atualmente 32 de milhões brasileiros e brasileiras passam fome, mais de 65 milhões não consomem a quantidade de nutrientes necessários para a sua sobrevivência. Esse problema se potencializa com a pandemia de COVID-19.



Todos esses elementos que abordamos evidenciam um movimento de resistência, demonstrando que grupos de mulheres se organizam e lutam pela igualdade entre os sexos, pelo direito a uma vida digna, pelo espaço de comando, questões que se conectam com as propostas defendidas na Marcha das Margaridas.

Com todos esses apontamentos, é possível afirmar que as mulheres encontram na agroecologia uma nova forma de participação efetiva no espaço privado, mas sobretudo no espaço público, onde reivindicam políticas públicas, como saúde, educação, transporte e preservação do meio ambiente.

A participação em movimentos ou organizações exige mais do que vontade individual, uma vez que há vários desafios a serem enfrentados.

Várias são as barreiras encontradas, como distância entre os territórios, dificuldade de transporte, não ter com quem dividir as atividades da casa, cuidado com filhas e filhos, falta de recursos financeiros, violência doméstica, baixa autoestima, entre outras situações que dificultam a participação das mulheres em processos de organização.

Mas vale ressaltar que essas são situações que as mulheres precisam superar coletivamente, já que é também no processo de organização que se abrem possibilidades reais de mudanças sociais.



Na saúde, o tema referente à segurança alimentar, incentivo à produção de alimentos saudáveis, uso de plantas medicinais, são algumas das práticas que conectam agroecologia e saúde.

Assim, a proposta agroecológica lança uma nova perspectiva de relação com a agricultura, assumindo o processo de transição da agricultura convencional para a agroecologia, tornando-se uma alternativa viável para a melhoria nas condições de qualidade de vida das famílias.

A exemplo, podemos citar as populações do campo, da floresta e das águas, que vêm o manejo da floresta, a coleta de produtos da mata, a caça e a pesca como meio de sobrevivência e combinando a isso a agricultura, com o plantio de plantas nativas, como a mandioca, hortaliças, feijão, milho, entre outras.

O reconhecimento do papel das mulheres nesse processo é fundamental, pois, além de construírem novos conhecimentos, trazem para o debate a relação da agroecologia com a saúde. Divulgar e trazer experiências exitosas seria uma estratégia para o fortalecimento da agroecologia e, conseqüentemente, para o cuidado à saúde, da sua família, da comunidade, como forma de melhorar a qualidade de vida.

Neste cenário de reconhecimento do papel das mulheres, é necessário falar sobre Ana Maria Primavesi, que foi essencial para o desenvolvimento da agroecologia no Brasil, desenvolvendo principalmente a prática do manejo ecológico do solo.

Ana Primavesi já nos chamava a atenção para os perigos de uma agricultura que desgasta o solo, como a monocultura e a utilização dos agrotóxicos, o que torna gritante o fato de que, em 2020, foram aprovados mais de 493 tipos de agrotóxicos, denominados também como defensivos agrícolas. Destes, 25 são considerados moderadamente e extremamente tóxicos para a saúde humana e para o meio ambiente pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

Por fim, além do desafio da produção de alimentos saudáveis, a participação das mulheres em espaços coletivos e de formação, como associações, cooperativas e movimentos sociais, são fundamentais para o processo de organização e transformação política.

Desenvolvem também processos de reflexão emancipatória, de interpretação e atuação concreta no mundo em que vivemos, especialmente na defesa da terra, da floresta, da água e da biodiversidade, ou seja, em defesa da vida.



3. Ana Primavesi



Vamos conhecer melhor quem foi Ana Primavesi?

“Para mim é fascinante como a terra melhora, como a água nasce, como tudo está se desenvolvendo. A minha paixão é o solo, porque tudo depende do solo, inclusive os homens.”

Ana Maria Baronesa Primavesi nasceu em 3 de outubro de 1920, na Áustria. Ela viveu no período do nazismo, um período de guerra, genocídio e muitas injustiças contra as pessoas que não seguiam as regras injustas e violentas que eram impostas. Essa questão é muito importante na sua história de vida.

Primavesi sempre teve muito empenho em seus estudos, desde criança até concluir seus estudos na Universidade Agrícola de Viena em 1942. Vale lembrar que naquele tempo as mulheres tinham ainda menos espaço e oportunidades do que na atualidade. Estudar, pesquisar, pensar, escrever foram também importantes aportes de Ana Primavesi à luta pela emancipação das mulheres.

Como falamos no início, Primavesi viveu o período nazista e teve que cumprir imposições do governo e trabalhar em outros países, como a Polônia. Ela trabalhou no Conselho de Pesquisa da Universidade com estudos sobre ar frio. Ana também foi presa nesse período e teve que prestar serviço em um campo de concentração na Áustria, em Wolfsberg.

E para quem quiser conhecer mais sobre essa mulher interessante e lutadora, convidamos a visitar a página oficial na internet, que tem todos os detalhes da vida, elaborações e contos.

WWW.ANAMARIAPRIMAVESI.COM.BR/



4. Aproximação sobre vigilância em saúde e saúde da mulher

Juliana Wotzasek Rulli Villardi



“O homem é o que a terra, ou o solo, faz dele.”
Ana Maria Primavesi



São programas de prevenção e controle de doenças transmissíveis de relevância nacional, como AIDS, dengue, malária, hepatites virais, doenças imunopreveníveis, leishmaniose, hanseníase e tuberculose e do Programa Nacional de Imunizações (PNI); investigação de surtos de doenças; coordenação da rede nacional de laboratórios de saúde pública; gestão de sistemas de informação de mortalidade, agravos de notificação obrigatória e nascidos vivos; realização de inquéritos de fatores de risco; coordenação de doenças e agravos não transmissíveis e análise de situação de saúde, incluindo investigações e inquéritos sobre fatores de risco de doenças não transmissíveis.

Sobre o adoecimento e mortes de mulheres no Brasil, comparando-se homens e mulheres, pode ser constatado, por exemplo, que relativamente as mulheres têm maiores proporções de óbitos por doenças do aparelho circulatório e por neoplasias malignas.

As doenças cardiovasculares são as principais responsáveis pelas mortes de mulheres no Brasil.

As complicações de gravidez, parto e puerpério estão incluídas nos dados de óbitos e são quase completamente evitáveis com o acesso aos serviços de saúde de forma adequada.

Outro aspecto importante diz respeito à violência; ou ainda às doenças ocupacionais que contemplam as especificidades do trabalho das mulheres (trabalhos noturnos, informal, dupla jornada); entre outros.

Também, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que mais de 20% de todas as mortes estão relacionadas aos “riscos ambientais” como poluição do ar, contaminação da água e exposição a produtos químicos (WHO, 2018).

Como visto nos ciclos anteriores, a saúde das mulheres envolve questões de gênero, de orientação sexual, de raça/etnia e também fatores sociais e ambientais que determinam e condicionam sua saúde. Nesse sentido, a saúde da mulher é resultante desses fatores sociais, econômicos, ambientais, culturais e históricos.

Dessa forma, podemos considerar como territórios saudáveis e sustentáveis, “os espaços relacionais e de pertencimento, onde a vida saudável é viabilizada, por meio de ações comunitárias e de políticas públicas, que interagem entre si e se materializam, ao longo do tempo, em suas dimensões ambientais, culturais, econômicas, políticas e sociais”. (MACHADO et al., 2017).

O processo contínuo e sistemático de coleta, consolidação, análise de dados e disseminação de informações sobre eventos relacionados à saúde, nos territórios, tem sido realizado de forma a possibilitar o planejamento e a implementação de medidas de saúde pública, que incluem regulação, intervenção e atuação nos condicionantes e determinantes da saúde, aspectos a serem abordadas pela área da Vigilância em Saúde no Sistema Único de Saúde (SUS).

Essas ações visam à proteção e promoção da saúde, sua prevenção e controle de riscos, agravos e doenças (BRASIL, 2018).

Ações de vigilância em saúde para a promoção da saúde, prevenção e controle de doenças transmissíveis, vigilância de fatores de risco para o desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis, saúde ambiental e do trabalhador, vem sendo realizadas.

A poluição do ar é considerada o principal risco de saúde evitável que afeta a todos, embora os mais vulneráveis sejam as pessoas de menor nível socioeconômico, idosos, crianças e mulheres.



Os problemas de saúde relacionados à poluição atmosférica ocorrem principalmente devido à inalação dos gases e à exposição a partículas finas que penetram profundamente nos pulmões e no sistema cardiovascular, podendo causar acidentes vasculares cerebrais, doenças cardíacas, câncer de pulmão, doenças pulmonares obstrutivas crônicas e infecções respiratórias (BRASIL, 2021; WHO, 2010).

O acesso à água tratada e ao serviço de esgotamento sanitário são direitos humanos reconhecidos há anos pelas Nações Unidas. A 33ª Sessão da Assembleia Geral do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas, realizada em 2016, tratou especificamente sobre a questão da igualdade de gênero e o tema do saneamento.

As desigualdades de gênero ocorrem em todos os estágios da vida da mulher, da sua infância à sua velhice. Por isso é tão importante dar atenção às necessidades especiais das mulheres com relação ao direito à água e ao esgotamento sanitário nas diferentes fases de sua vida.

É fundamental observar que a desigualdade de gênero no acesso aos serviços de água e de coleta de esgoto afeta também outros direitos humanos, como o direito das mulheres à saúde, segurança, moradia adequada, educação e alimentação (ONU, 2016).

Ainda, a baixa oferta e o limitado acesso de grande parcela da população brasileira ao saneamento básico, além de ser um desrespeito aos direitos humanos, pode contribuir para outros impactos sanitários, a exemplo dos ciclos de grandes epidemias de doenças transmitidas por mosquitos ao longo dos últimos 30 anos. O armazenamento inadequado contribui para doenças como a dengue, zika e chikungunya, que incidem sobre a saúde de milhões de pessoas, com complicações neurológicas de crianças cujas mães contraíram zika durante a gravidez – especialmente a epidemia de microcefalia registrada na região Nordeste.

Nos últimos 50 anos houve um significativo aumento global da exposição de pessoas a diversos produtos químicos potencialmente tóxicos no ambiente, as mulheres em idade fértil, gestantes, população infantil, são grupos particularmente suscetíveis.

Pesquisas apontam que esse tipo de exposição está diretamente relacionado a distúrbios na saúde reprodutiva, neonatal e infantil ou do desenvolvimento, além de câncer, infertilidade, entre outros (OMS, 2008).

A perda da biodiversidade compromete o valor nutricional dos alimentos. Também nos últimos 50 anos, as dietas humanas se tornaram 37% mais semelhantes, com apenas 12 cultivos e cinco espécies animais, fornecendo 75% da ingestão de energia do mundo.

Atualmente, uma a cada três pessoas sofre de alguma forma de desnutrição, e grande parte da população mundial é afetada por doenças relacionadas à alimentação, como doenças cardíacas, diabetes e câncer (WHO, 2015).

O surgimento e o agravamento da desnutrição, da obesidade e outras doenças crônicas não transmissíveis, estão intimamente ligados a tais mudanças na alimentação das pessoas (BRASIL, 2014).

Muitas mulheres não sabem, ou não associam, que a dificuldade em engravidar, por exemplo, pode estar fortemente relacionada à sua alimentação e na qualidade dos seus alimentos, ao excesso de peso corporal e em seu estilo de vida.



A sua nutrição é um fator a ser considerado para mulheres com infertilidade, como um fator conectado às condições presentes que se tornam significativas no processo (GOMES et al., 2020).

A sua nutrição é um fator a ser considerado para mulheres com infertilidade, como um fator conectado às condições presentes que se tornam significativas no processo (GOMES et al., 2020). Ao reduzir os níveis de poluição, há possibilidade de diminuir a incidência de doenças a curto, médio e longo prazos.

Desnaturalizar as diferenças de gênero amplia as possibilidades de reflexão sobre a determinação da saúde e contribui para políticas públicas com equidade em saúde.

Ainda que existam ações institucionalizadas, há que se considerar que a identificação e acompanhamento desses fatores que interferem na saúde das mulheres, onde a vida acontece, em suas inter-relações sociais, econômicas, ambientais, culturais e históricas, está nos espaços menores do que o espaço municipal, convencionalizado nos sistemas de vigilância atuais (PAVANELLI, 2019), e devem ser considerados.

Os saberes sobre os processos críticos da exposição humana exigem, muitas vezes, dimensões para além dos indicadores técnicos. É necessário o conhecimento do cotidiano da vida das pessoas, dos processos de trabalho e consumo, que podem resultar em vulnerabilizações e impactos à saúde.

Para a vigilância da saúde é necessário a efetiva participação dos sujeitos implicados no território na ação para uma promoção da saúde.

Políticas públicas inclusivas nos campos da educação, meio ambiente, saúde, seguridade social, direito à terra, acesso ao trabalho, renda familiar, segurança alimentar e nutricional, segurança pública, moradia popular, entre tantas outras, propiciam melhoria dos meios de vida das populações (MARX, 2011) e devem estar contidas nos planos de desenvolvimento de um país.



5. Vamos conversar sobre?

Agora é hora de conversar um pouco sobre essas questões que acabamos de nos aproximar com as outras mulheres do seu território/comunidade.

Neste momento junto com as outras mulheres na sua comunidade e território, você pode buscar por músicas, poemas e dinâmicas corporais. Visando compreender melhor os temas que foram abordados até agora.

Conheça os exemplos de atividade que podem ser realizadas.

OU ACESSE

O LINK:

mulheres.psatsaude.com.br/vamosconversar/

6. Fazendo juntas

Vamos construir uma composteira doméstica?

Neste momento em que nos propomos praticar os conteúdos que construímos juntas nas leituras e nos debates, convidamos vocês a fazer uma composteira doméstica. Vocês conhecem as composteiras? Suas funções? E o que será que tem a ver com o tema desse nosso terceiro ciclo de estudos? Tem tudo a ver!

Assista ao vídeo que explica o passo a passo de como fazer:



bit.ly/composteira2021

7. Contando o processo

**Com nossas palavras,
nossos desenhos, nossas
canções, nossos poemas**





Estimada educanda.

Com a conclusão desse terceiro ciclo, nos aproximamos do processo de troca de experiências e sistematização do que aprendemos nesse caminhar em conjunto.

Vivenciamos temáticas como a história da luta pelos direitos das mulheres, a importância da promoção e vigilância da saúde, autogestão, economia solidária, economia feminista, agroecologia e diversos temas que foram surgindo no decorrer dos três ciclos estudados.

Nosso próximo passo será uma experiência muito marcante, pois nos encontraremos presencialmente no ciclo que chamamos Feira de Saberes.

Nela, vamos socializar o que acumulamos e aprendemos durante o curso, nas aulas virtuais, nos vários encontros em nossas comunidades e territórios, nos estudos individuais, nas trocas com outras educandas, enfim, em todos os processos que compuseram nossa formação.

A possibilidade de nos conhecermos e compartilharmos saberes terá um sentido ainda mais potente, dado que, para muitas de nós, será a primeira atividade presencial e coletiva desde o início da pandemia de COVID-19.

Manteremos todos os cuidados sanitários necessários, mas certamente não nos faltará o afeto dos olhares, dos abraços imaginados e na oportunidade de fecharmos nosso curso juntas.

E para que seja realmente marcante esse encontro de encerramento, podemos desde já preparar nossa Feira de Saberes, pensando juntas:

- Quais são os aprendizados e experiências interessantes que queremos compartilhar?
- Quais as formas utilizaremos para essa socialização: relatos, fotos, textos, poesias, desenhos, músicas, vídeos?
- Como nos dividiremos nessa tarefa para que todas nós possamos participar?

Como podemos perceber, esse próximo ciclo necessita de planejamento, escolha dos conteúdos, participação de todas e muita criatividade. Assim, viabilizaremos as condições necessárias para que em cada estado seja garantido uma Feira de Saberes bonita, agradável, afetiva e de partilha entre nós.

Então, vamos nos preparar para tudo isso? Contem conosco para o que precisarem.

Saudações fraternas e até logo,

Coordenação Político-Pedagógica do Curso de
Formação de Saúde para as Mulheres



8. Referências

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Saúde Ambiental, do Trabalhador e Vigilância das Emergências em Saúde Pública. **Queimadas e incêndios florestais: atuação da vigilância em saúde ambiental**. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-contenido/publicacoes/publicacoes-svs/vigilancia-ambiental/atuacao_vigilancia_queimadas_incendios_15jun21_isbn.pdf/view>. Acesso em: 18 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Vigilância em Saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/vigilancia-em-saude/politica-nacional-devigilancia-em-saude>. Acesso em: 8 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira**. 2. Ed. Brasília: Ministério da Saúde; Secretaria de Atenção à Saúde; Departamento de Atenção Básica, 2014. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_populacao_brasileira_2ed.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2021.

GOMES, M. C.; SILVA, S. J. D. da; ALMEIDA, S. G. de. The relationship of nutrition in female infertility. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 9, p. 1-23, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/8062>. Acesso em: 18 ago. 2021.

MACHADO, J. M. H.; MARTINS, W. de J.; SOUZA, M. do S. de; FENNER, A. L. D.; SILVEIRA, M.; MACHADO, A. de A. Territórios saudáveis e sustentáveis: contribuição para saúde coletiva, desenvolvimento sustentável e governança territorial. *Comunicação em Ciências da Saúde*, v. 28, n. 02, p. 243-249, 2018. Disponível em: <http://www.escs.edu.br/revistaccs/index.php/comunicacaoemcienciasdasaude/article/view/245>. Acesso em: 12 ago. 2021.

MARX, K. **O Capital [Livro 1]: crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Boitempo, 2011.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Mulheres e saneamento**, 2016. Disponível em: <https://mulheresesaneamento.com>. Acesso em: 18 ago. 2021.

PACHECO, Maria Emília Lisboa. Apresentação. In: SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

PAVANELLI, Aparecida. Vigilância em saúde de base territorial, integrada e participativa: uma experiência de formação em assentamentos rurais do Pontal do Paranapanema (SP). Dissertação (Mestrado) – Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/36494/2/ve_Aparecida_Pavanelli_ENSP_2019>. Acesso em: 18 ago. 2021.

RAMÍREZ, Hilda Salazar; RAMÍREZ, Rebeca Salazar. Crise ambiental e desigualdades de gênero: mais vinte anos? In: INSTITUTO EQÜIT. As mulheres na Rio+20: diversas visões contribuindo ao debate. Rio de Janeiro: Instituto Eqüit, 2013. p. 15-24. Disponível em: <<https://br.boell.org/sites/default/files/mulheres-na-rio20.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

SILIPRANDI, Emma. Mulheres e agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/5591>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

SILIPRANDI, Emma. Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

WHO – World Health Organization. Preventing disease through healthy environments: a global assessment of the burden of disease from environmental risks. Report, 13 sep. 2018. Disponível em: <<https://www.who.int/publications/i/item/9789241565196>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

WHO – World Health Organization. Connecting global priorities: biodiversity and human health: a state of knowledge review. World Health Organization and Secretariat of the Convention on Biological Diversity, 2015. Disponível em: <<https://www.cbd.int/health/SOK-biodiversity-en.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2021.

WHO – World Health Organization. Exposure air to pollution: a major public health concern. Geneva: World Health Organization, 2010. Disponível em: <https://www.who.int/ipcs/features/air_pollution.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2021.



9. Glossário

GENOCÍDIO:

é qualquer ato cometido com a intenção de destruir no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso. Sendo que foi reconhecido como crime no Brasil a partir da Lei nº. 2.889 de 1956.

Para saber mais: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Atos/decretos/1952/D30822.html

NAZISMO:

foi um movimento político ditatorial e repressão que governou a Alemanha entre 1933 e 1945, liderado por Adolf Hitler. Durante esse período sombrio, o nazismo ficou marcado pelos seus ideais antissemitas, ou seja, o preconceito e hostilidade contra o povo judeu por perseguição, tortura e morte de comunistas, negros, homossexuais e outras pessoas que não eram enquadradas dentro das características da chamada “raça ariana”, que era considerada uma a raça superior as demais raças do mundo.

NEOPLASIA MALIGNA:

é o aumento descontrolado e anormal de células do corpo humano devido a alterações no DNA ou de hábitos de vida não saudáveis, podendo essas células se espalharem pelo corpo e comprometer o organismo de maneira geral. A neoplasia maligna também é popularmente conhecida pela palavra “câncer”.





ISBN: 978-65-88309-08-7



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Brasília



MINISTÉRIO DA
SAÚDE

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO